

Od. 8.548: Ocultação e verdade no questionamento de Alcínoo a Odisseu

Od. 8.548: Concealment and Truth in Alcinous's Confrontation of Odysseus

RAFAEL DE ALMEIDA SEMÊDO¹ (*Universidade de São Paulo — Brasil*)

Abstract: At the end of Book 8 of the *Odyssey*, Alcinous decides to ask, in a definitive manner, the mysterious foreigner he has welcomed in his court about his identity. However, it's not easy to make him disclose it: during his stay in the Land of the Phaeacians, he has craftily managed to remain anonymous. In this article, we examine the strategic nature of the request of revelation made by the king of the Phaeacians in *Od. 8.548* in order to prevent the foreigner from avoiding the question once again.

Keywords: Odysseus; Alcinous; Phaeacians; *Odyssey*; Homer.

I. Introdução

No canto 8 da *Odisseia*, Alcínoo, depois de notar pela segunda vez as lágrimas de Odisseu em resposta a uma canção de Demódoco sobre a guerra de Tróia, pede que o aedo cesse a música porque ela causa sofrimento a seu convidado. Ao mesmo tempo, esse é o momento em que a curiosidade do senhor dos Feácios sobre a identidade e história do estrangeiro atinge seu ápice: “quem é afinal esse homem misterioso que chora toda vez que ouve algo sobre a guerra de Tróia?” Finalmente, por isso, ele pede de maneira peremptória que o mesmo revele quem é e como foi parar ali. Segundo o critério da hospitalidade, o momento já é propício para tal, pois todos os ritos que cabem ao anfitrião já foram cumpridos: o estrangeiro foi alimentado, vestido, entretido, recebeu presentes, uma cama para dormir e a promessa do retorno para casa. Agora é sua vez de cumprir a parte que lhe cabe e dizer quem é e o que se passou para que chegasse até ali. E então o rei questiona-o diretamente:

*τῶ νῦν μηδέ σὺ κεῦθε νοήμασι κερδαλέοισιν,
ὅττι κέ σ' εἴρωμαι φάσθαι δέ σε κάλλιόν ἐστιν.
εἰπ' ὄνομ', ὅττι σε κείθι κάλεον μήτηρ τε πατήρ τε,*

Texto recebido em 02.04.2017 e aceite para publicação em 19.12.2017.

Agradeço à Fundação de Amparo à Pesquisa do Estado de São Paulo pelo fomento à minha pesquisa, processo nº 2016/05138-9, da qual o presente trabalho se origina.

¹ rafsemedo@usp.br.

Ágora. Estudos Clássicos em Debate 20 (2018) 11-31 — ISSN: 0874-5498

ἄλλοι θ' οἱ κατὰ ἄστυ καὶ οἱ περιναϊετᾶουσιν.

Assim, agora (nûn) não escondas tu (medé sù keûthe) por meio de ideias astuciosas (noémasi kerdaléoisim) [548]

aquilo que te quero perguntar. Ficar-te-ia melhor falares.

Diz-me o nome pelo qual te tratam tua mãe e teu pai,

assim como todos os que habitam perto da tua cidade. (Hom. Od. 8.548-551)²

O marcador temporal no início do verso 548, o advérbio *nûn*, “agora”, delimita uma separação entre dois momentos: um “antes”, quando o estranho permanece anônimo, e um “a partir de agora”, quando deve se revelar. Essa divisão cumpre uma dupla função dentro do discurso do rei. Primeiro, alude à situação presente segundo os códigos da hospitalidade: por um lado, todas as obrigações de Alcínoo como anfitrião foram cumpridas até ali (o “antes”). Por outro, neste momento, cabe ao hóspede agir de acordo com o protocolo e revelar quem é (o “agora”).

Ao mesmo tempo, a divisão serve ainda a um propósito mais sutil, típico do modo de comunicação indireta utilizado por diversos personagens na *Odisseia*³. Por meio do advérbio “agora”, o rei dos Feácios ressalta também ter notado que, desde sua chegada, o estrangeiro vem fazendo o oposto do que se está pedindo naquele momento: esforçando-se a todo custo para manter sua identidade oculta. Assim, Alcínoo afirma a Odisseu de maneira sutil que *percebeu*, de fato, as esquivas por parte do herói quando indagado a mesma pergunta *anteriormente*, e deixa claro que esse não deve mais ser o caso naquele momento: “sei que estavas fugindo dos questionamentos sobre tua identidade desde que chegaste, mas *agora* não deves mais fazê-lo”.

II. O “antes”: ocultação

Alcínoo é um personagem, como a própria etimologia de seu nome sugere⁴, caracterizado por seu poderoso *nóos*, isto é, sua distinta capacidade intelectual. Isso se mostra na prática através de sua atenção às sutilezas do discurso, de sua percepção a sinais subliminares de comunicação e da deci-

² Todas as traduções, exceto onde assinalado, são de LOURENÇO (2011). Nesta citação em específico, a tradução do verso 548 foi adaptada.

³ RICHARDSON (2007) 133-4.

⁴ Toma-se aqui o nome do soberano como a composição entre *alkí* “força, poder” e *nóos* “intelecto”: HEINZ (1979) 501; VON KAMPTZ (1982) 75; HAINSWORTH (1990) 194.

fração de intenções ocultas na fala de seus interlocutores⁵. Durante a estadia de Odisseu em Esquéria até o momento do pedido no verso 548, o “antes”, Alcínoo recebe diversos indícios que, aliados a sua notável capacidade de apreensão, permitem-lhe saber que: 1) o estrangeiro é alguém deveras importante; e 2) ele não quer revelar quem é e se esquiva ativamente quando questionado sobre isso. A seguir, apresenta-se um panorama que explicita esses dois pontos.

II.1. O estranho admirável

Ao longo de sua estadia junto aos Feácios, Odisseu oferece várias pistas de que não é um estranho perdido qualquer, mas alguém de habilidades impressionantes e capacidades extraordinárias. Quanto mais tempo o estrangeiro fica no palácio, mais aqueles ali presentes, e, sobretudo, Alcínoo, percebem que o homem à sua frente é muito superior aos demais, destacando-se tanto em suas proezas físicas quanto intelectuais.

O primeiro elemento que aponta para isso é, já de início, sua aparição repentina no meio do salão real feácio. Odisseu aparece magicamente diante dos convivas no palácio de Alcínoo graças ao favor de Atena, que o envolve numa nuvem de invisibilidade. Só no momento propício a nuvem se dissipa, e o estranho se revela para implorar o favor do casal real. Aos olhos dos presentes, essa aparição misteriosa não seria possível senão por meio de mágica, favor divino, ou extrema furtividade — ou uma combinação das três coisas. Qualquer que seja o caso, para eles, o feito de do estranho nada mais é do que um indício espantoso de sua condição especial: ou bem ele é um homem versado nas artes da magia, ou um ladino de marca maior, ou um protegido dos deuses, ou até mesmo um deus ele próprio. Após a dissipação da nuvem de invisibilidade, o anônimo vai direto aos joelhos de Arete, e o narrador descreve explicitamente a reação dos presentes no salão: *Eles se calaram pela casa ao ver o herói, / espantados com a visão (thaúmazon d' oróntes) (...)* (Hom. Od. 7.144-145)⁶.

⁵ A cena com Nausícaa no início do canto VI, quando ela tenta ludibriar o pai e ele capta sua real motivação, é paradigmática para esse argumento. v. RICHARDSON (2007) 33-34.

⁶ οἱ δ' ἄνεω ἐγένοντο δόμον κατά φῶτα ἰδόντες, / θαύμαζον δ' ὀρόωντες (...). Trad. WERNER (2014).

Os sinais que denotam sua superioridade frente aos Feácios continuam por meio da contribuição de Atena. No dia seguinte, quando o estranho está prestes a aparecer em público novamente, a deusa engrandece sua aparência:

(...) τῶ δ' ἄρ' Ἀθήνη
 θεσπεσίην κατέχευε χάριν κεφαλῇ τε καὶ ὤμοις
 καὶ μιν μακρότερον καὶ πάσσονα θῆκεν ιδέσθαι,
 ὥς κεν Φαιήκεσσι φίλος πάντεσσι γένοιτο
 δεινός τ' αἰδοῖός (...)

(...) [Em Odisseu] Atena verteu prodigiosa graça, na cabeça e nos ombros,
 e fê-lo maior e mais encorpado a quem o visse,
 para que se tornasse caro a todos os Feácios,
 assombroso e respeitável (...) (Hom. *Od.* 8.18-22)⁷

Ao interferir na aparência de Odisseu, a deusa faz com que fique ainda mais claro aos olhos dos Feácios e de Alcínoo que aquele se trata de alguém notável, mais forte e maior que o homem comum, e, por isso, digno de espanto e admiração (*deinós t' aidóios*), por parte daqueles que o contemplam.

Mais tarde, após ser desafiado por um dos Feácios, Euríalo, durante os jogos a que assiste como convidado, o estrangeiro prova, ainda, que suas capacidades físicas não se limitam à aparência, mas demonstram-se na prática através de um feito atlético extraordinário. Depois de ser ofendido pelo rude Feácio, o estranho aceita participar da prova de arremesso de disco e bate com folga a marca dos atletas feácios. Assim, oferece a todos mais uma amostra de sua impressionante habilidade física.

Mas os feitos que impressionam os Feácios não se resumem aos de poder físico: Odisseu chama a atenção, ainda, por sua distinta capacidade retórica. Sua fala é impecável, e seus discursos causam encanto e admiração nos interlocutores. O estranho se mostra, portanto, além de belo e forte, um excelente orador. Essas qualidades retóricas e seus impactos sobre Alcínoo e os Feácios serão exploradas mais adiante, mas é importante ressaltá-las aqui preliminarmente porque elas contribuem para aumentar a admiração da corte feácia sobre sua pessoa. E quanto mais admirados eles ficam, tanto mais aumenta sua curiosidade, sobretudo a de Alcínoo, a respeito da identidade do homem tão impressionante que têm diante de si.

⁷ trad. WERNER (2014)

II.2. O estranho esquivo

Ao mesmo tempo em que demonstra ser notável, o estrangeiro prova ser também extremamente cuidadoso quanto à revelação de sua identidade⁸. Calejado pelas ameaças que enfrentou em suas viagens pelo mar, ele sabe que revelar quem é pode ser muito perigoso, e, por isso, até que tenha certeza de que se encontra num ambiente totalmente confiável e amigável, evita fazê-lo a todo custo. A maldição do Ciclope ensinou-o muito bem⁹. Portanto, até que tenha certeza da boa fé dos habitantes de Esquéria, ele mantém seu nome às escuras, adiando tanto quanto possível o momento de revelar-se.

Durante muito tempo, o herói consegue manter sua identidade oculta através de esquivas retóricas. Assim como Proteu, ele utiliza-se de todos os subterfúgios possíveis para desvencilhar-se das redes que se lhe atiram, escapando habilmente dos questionamentos sobre aquilo que não deseja revelar. Ele se protege apoiando-se numa combinação impecável entre a astúcia discursiva e o código de hospitalidade, que respalda seu anonimato até certo momento.

Suas esquivas, argumenta-se aqui, não passam despercebidas por Alcínoo. E o rei não só as percebe (*nóei*), como também admira a astúcia do estrangeiro ao utilizá-las para manter-se oculto, encantado com suas estratégias discursivas. Sendo ele próprio um grande jogador do jogo do discurso, o rei regozija-se ao encontrar um oponente à sua altura, e pacientemente o observa até que chegue o momento certo de encurralá-lo e fazê-lo revelar-se.

⁸ O motivo de Odisseu desejar manter sua identidade em segredo é uma questão aberta a interpretações, e diversas autores formulam suas hipóteses para explicá-la. DE JONG (2001) 171, n. 1, indica uma lista deles. Como a questão não é de importância determinante para este trabalho, apresento aqui minha própria explicação: o herói precisa sentir-se totalmente seguro acerca da amizade dos habitantes de Esquéria antes de revelar-se. O que me interessa aqui é apenas o fato de Odisseu desejar permanecer anônimo, não o motivo pelo qual o faz.

⁹ Odisseu revelar seu nome a Polifemo é o que permite que o ciclope o amaldiçoe ao pedir que o pai, Posêidon, dificulte a volta do herói a sua terra natal (Hom. *Od.* 9.528-535).

II.2.1. A primeira esquiva

A primeira esquiva do herói ocorre logo na cena de sua aparição no palácio. Espantado com sua presença repentina, Alcínoo parece curioso para saber quem é aquele. Entretanto, temente às leis da hospitalidade, ele sabe que não seria adequado confrontá-lo diretamente naquele momento. Apenas após tê-lo alimentado e conferido-lhe todos os cuidados devidos ao hóspede seria cabível fazê-lo. O rei, entretanto, não deixa de tentá-lo preliminarmente: utilizando-se de um artifício estratégico para questioná-lo de maneira delicada, indireta, e, conseqüentemente, sem romper violentamente com as regras da boa hospitalidade, faz um pedido velado de identificação, conforme se apresenta em seguida.

Alcínoo começa sua fala de maneira estratégica, explicitando sua fidelidade aos códigos da hospitalidade:

*ἤῶθεν δὲ γέροντας ἐπὶ πλέονας καλέσαντες
ξείνον ἐνὶ μεγάροις ξεινίσσομεν ἠδὲ θεοῖσι
ῥέξομεν ἱερὰ καλά, ἔπειτα δὲ καὶ περὶ πομπῆς
μνησόμεθ', ὥς χ' ὁ ξείνος ἀνευθε πόνου καὶ ἀνίης
πομπῆ ὑφ' ἡμετέρῃ ἦν πατρίδα γαίαν ἴκηται
χαίρων καρπαλίμως, εἰ καὶ μάλα τηλόθεν ἐστί,*

*Ao surgir da Aurora convocaremos maior número de anciãos,
para recebermos o estrangeiro aqui no palácio e sacrificarmos
aos deuses belas vítimas; depois pensaremos no seu transporte,
para que o estrangeiro sem sofrimento e sem dor chegue,
acompanhado por nós à sua terra pátria rapidamente,
regozijando-se, apesar de aqui ter chegado de tão longe. (Hom. Od. 7.186-189)*

O rei manifesta, portanto, de pronto, sua boa disposição em atender às súplicas do estrangeiro ao dizer que irá providenciar junto aos demais Feácios aquilo que ele pede, o transporte de volta para casa. Assim, deixa claro estar seguindo a conduta que se espera de um anfitrião adequado. E então, apenas depois de havê-lo estabelecido claramente, prossegue para a parte delicada de seu discurso: a tentativa furtiva de descobrir a identidade do estranho antes do momento propício para tal.

*εἰ δέ τις ἀθανάτων γε κατ' οὐρανοῦ εἰλήλουθεν,
ἄλλο τι δὴ τόδ' ἔπειτα θεοὶ περιμηχανῶνται.
αἰεὶ γὰρ τὸ πάρος γε θεοὶ φαίνονται ἐναργεῖς*

ἡμῖν, εὖθ' ἔρδωμεν ἀγακλειτὰς ἑκατόμβας,
δαίνυνται τε παρ' ἄμμι καθήμενοι ἔνθα περ ἡμεῖς.

*Porém se ele for um dos imortais, descido do céu,
outra coisa doravante estarão os deuses a planejar:
é que antes sempre se nos revelaram de forma clara,
quando oferecíamos as gloriosas hecatombes; e eles,
conosco sentados, conosco participavam do banquete. (Hom. Od. 7.202-206)*

Sutilmente, sem confrontá-lo diretamente, o rei se indaga se aquele não seria “um dos imortais, descido do céu”. Mas o que está por trás dessa pergunta retórica é uma indagação velada e indireta ao próprio convidado a respeito de sua identidade. Segundo DE JONG (2001) 181,

“embora ele se dirija aos nobres feácios e fale do estrangeiro na terceira pessoa, fica claro que a intenção é que suas palavras sejam ouvidas também pelo estrangeiro (que, de fato, reagirá, embora não diga seu nome), uma instância de diálogo indireto. A longa ‘luta pelo nome de Odisseu’ começou.”

A autora assinala que essa é uma instância de endereçamento indireto: embora Alcínoo se dirija aos nobres, é a Odisseu que deseja falar. Ademais, a indagação serve apenas de isca para que o estranho, possivelmente, diga quem ele é. Questionando-o dessa maneira, indireta e sutilmente, o rei não incorre no risco de ofendê-lo em seu direito como hóspede de permanecer anônimo naquele momento. Ao mesmo tempo, se o estranho sentir-se confortável em revelar-se, o rei consegue matar sua curiosidade sem quebrar nenhuma parte do rito de hospitalidade.

Mas Odisseu ainda não deseja fazê-lo. Astuciosamente, da mesma maneira indireta pela qual o rei o questiona, ele se esquiva da pergunta. O herói começa seu discurso respondendo à última parte do questionamento de Alcínoo:

Ἀλκίνο', ἄλλο τί τοι μελέτω φρεσίν· οὐ γὰρ ἐγὼ γε
ἀθανάτοισιν ἔοικα, τοὶ οὐρανὸν εὐρὺν ἔχουσιν,
οὐ δέμας οὐδὲ φνὴν, ἀλλὰ θνητοῖσι βροτοῖσιν.
οὓς τινὰς ὑμεῖς ἴστε μάλιστ' ὀχέοντασ δῖζ' ἄν
ἀνθρώπων, τοῖσιν κεν ἐν ἄλγεσιν ἰσωσαίμην·
καὶ δ' ἔτι κεν καὶ μᾶλλον ἐγὼ κακὰ μυθησαίμην,
ὅσσα γε δὴ ξύμπαντα θεῶν ἰότητι μόγησα.

*Alcino, pensa antes noutra coisa! Pois não tenho
semelhança com os imortais, que o vasto céu detêm,*

*quer pelo corpo quer pela natureza, mas sim com os mortais.
Quem conhecerdes entre os homens com maior fardo
de desgraças, a esse me assemelho nos meus sofrimentos.
E longamente eu vos poderia contar todos os males,
todos os que por vontade divina tiver que passar. (Hom. Od. 7.208-214)*

O estranho esquiva-se elegantemente do questionamento indireto e sutil por parte de Alcínoo acerca de sua identidade, e, conscientemente, mantém-na em segredo. Afirma apenas não ser um deus e ter sofrido muitos males, mas nada revela sobre quem é. E diz que contaria, tudo o que passou,

*ἀλλ' ἐμὲ μὲν δορπῆσαι ἐάσατε κηδόμενον περ·
οὐ γάρ τι στυγερῆ ἐπὶ γαστέρι κύντερον ἄλλο
ἔπλετο, ἢ τ' ἐκέλευσεν ἔο μνήσασθαι ἀνάγκη
καὶ μάλα τειρόμενον καὶ ἐνὶ φρεσὶ πένθος ἔχοντα,
ὡς καὶ ἐγὼ πένθος μὲν ἔχω φρεσίν, ἢ δὲ μάλα' αἰεὶ
ἐσθήμεναι κέλεται καὶ πινέμεν, ἐκ δὲ με πάντων
ληθάνει, ὅσσ' ἔπαθον, καὶ ἐνιπλησθῆναι ἀνώγει.*

*No entanto deixai-me jantar, apesar da minha tristeza.
Pois nada existe de mais detestável do que o estômago,
que à força obriga o homem a pensar em comida,
mesmo quando oprimido com tristeza no espírito,
como agora me sinto oprimido; mas de modo incessante
me recorda o estômago a comida e a bebida, fazendo-me
esquecer tudo o que sofri, exigindo que o encha. (Hom. Od. 7.215-221)*

Essa é uma fala altamente tática, pois através dela, Odisseu consolida claramente sua posição como suplicante dentro o código da hospitalidade, invocando veladamente seu direito de manter-se anônimo naquele momento. Assim, escorando-se na proteção conferida pelo código da hospitalidade, e enfatizando sua posição como convidado, o herói deflete sutilmente a tentativa do rei ao pedir apenas que lhe deixem comer, uma maneira decorosa e não agressiva de comunicar que deseja manter seu privilégio enquanto suplicante de não precisar revelar-se até haver sido alimentado.

Em seguida, novamente de maneira tática, o estrangeiro conecta seu direito de permanecer anônimo a mais um privilégio garantido pelos códigos da hospitalidade. Deseja, de fato, que lhe preparem o transporte para levá-lo a casa:

*ὕμεῖς δ' ὀτρύνεσθε ἄμ' ἠοῖ φαινομένηφιν,
ὡς κ' ἐμὲ τὸν δύστηνον ἐμῆς ἐπιβήσετε πάτρης,*

Ágora. Estudos Clássicos em Debate 20 (2018)

καί περ πολλὰ παθόντα ἰδόντα με καὶ λίποι αἰῶν
κτῆσιν ἐμὴν δμῶάς τε καὶ ὑπερεφές μέγα δῶμα.

*Quanto a vós, apressai-vos ao surgir da Aurora
para levardes este desgraçado para a sua terra pátria,
depois de tantos males. E que a vida me abandone quando
eu tiver visto os meus haveres, os meus servos e o alto palácio. (Hom. Od. 7.222-725)*

Novamente, ancorando-se em seu direito de suplicante numa comunidade temente aos laços sagrados da hospitalidade, o herói usufrui de mais um benefício conferido aos hóspedes em necessidade: a ajuda no retorno a casa. Assim, após estabelecer sua posição como suplicante ao comer anônimo, ele cobra, ainda, um favor do anfitrião, mais um de seus direitos.

Da mesma forma que o rei abre seu discurso fazendo jus às boas normas da hospitalidade para suavizar a pequena transgressão que tenta em seguida, o estrangeiro fecha seu discurso deixando claro, também delicadamente, que pretende receber o favor de seu anfitrião sem dar-lhe nada em troca. O mesmo recurso que Alcínoo utiliza para suavizar seu ataque é o que Odisseu utiliza para solidificar sua defesa, permanecendo anônimo e reivindicando transporte para casa: os códigos da hospitalidade. Conforme se demonstrou, eles não são invocados de maneira explícita, mas permanecem latentes na fala de cada um.

Os dois estabelecem nessa cena uma comunicação silenciosa abaixo da superfície. Alcínoo tenta sutilmente fazer com que o estranho se revele sem quebrar nenhuma lei hospitaleira: “sou temente às regras da hospitalidade, veja bem, e não tenho intenção de transgredi-las. Mas não deixo de estar curioso em saber quem é o estranho que apareceu aqui de maneira tão impressionante. Quem sabe ele não se revele se eu tentar algo?” Odisseu, por sua vez, utiliza seu discurso como que respondendo indiretamente à tentativa do rei: “sei que desejás que eu me revele, mas vou ater-me a meu direito de manter-me em segredo — e nisso estou respaldado pelas leis da hospitalidade.”

O efeito da resposta do herói sobre a plateia é imediato, conforme o narrador explicita: *Assim falou, e todos **aproavavam** e incitavam o rei / a conduzir*

o estranho, pois falara **com adequação**. (Hom. *Od.* 7.226-227)¹⁰ A fala “com adequação”, “de acordo com a *moira*” (*katà moîran*), explicita a habilidade de Odisseu com as palavras: ele é aquele que as utiliza na ordem certa e no momento cabível. Por meio de um discurso bem colocado, em que se esquivava do questionamento do rei, ele obtém, ao mesmo tempo, um efeito favorável sobre os presentes devido à beleza de seu modo de se comunicar. Ao falar adequadamente, de maneira encantadora, o herói, além de manter seu anonimato, ganha a aprovação dos príncipes Feácios e tem encaminhado, por isso, o transporte para seu retorno a casa. O narrador não explicita o resultado da fala de Odisseu especificamente em Alcínoo, mas sem dúvida ele é positivo, como a cena que se segue não deixa de comprovar: o rei chegará a oferecer-lhe a filha em casamento.

II.2.2. A segunda esquiwa

Após os príncipes Feácios deixarem o palácio, apenas Arete e Alcínoo permanecem com Odisseu no salão (Hom. *Od.* 7.228-732). É então que o herói enfrenta o segundo questionamento acerca de sua identidade. Desta vez, de maneira direta, nada sutil, por parte de Arete: *Estrangeiro, deixa-me colocar-te primeiro esta pergunta. / Quem és tu? E quem te ofereceu as roupas que vestes? / Não disseste que foi vagueando pelo mar que aqui chegaste?* (Hom. *Od.* 7.237-239)¹¹. Diferente de Odisseu e Alcínoo, Arete não é retratada na *Odisseia* como especial portadora da elegância retórica dos grandes jogadores do discurso, e sua confrontação direta do convidado é um retrato disso. O que não quer dizer que o questionamento seja descabido ou injustificado. De fato, ele parece compreensível, pois, como o narrador atesta, a rainha, tão logo o suplicante apareceu no palácio, *reconheceu a capa e a túnica, assim que olhara para as belas / roupas de Ullisses, pois com suas servas ela própria as tecera*. (Hom. *Od.* 7.234-235)¹². Ou seja, pode-se inferir que a senhora dos Feácios tem estado

¹⁰ ὡς ἔφαθ', οἱ δ' ἄρα πάντες ἐπήνεον ἢ δ' ἐκέλευον / πεμπέμεναι τὸν ξεῖνον, ἐπεὶ κατὰ μοῖραν ἔειπεν. trad. WERNER (2014), grifos meus.

¹¹ ξεῖνε, τὸ μὲν σε πρῶτον ἐγὼν εἰρήσομαι αὐτή / τίς πόθεν εἰς ἀνδρῶν; τίς τοι τάδε εἴματ' ἔδωκεν; / οὐ δὴ φῆς ἐπὶ πόντον ἀλώμενος ἐνθάδ' ἰκέσθαι;

¹² ἔγνω γὰρ φᾶρός τε χιτῶνά τε εἴματ' ἰδοῦσα / καλά, τὰ ῥ' αὐτὴ τεύξεε σὺν ἀμφιπόλοισι γυναιξί:.

perplexa desde a chegada do estrangeiro ao palácio por conta de suas roupas. Com efeito, é admirável que tenha conseguido manter a compostura diante da corte durante tanto tempo, segurando a ansiedade e aguardando até que todos tenham ido embora para questioná-lo¹³. Ao mesmo tempo, a rainha parece esperar também pelo momento aceitável para indagá-lo segundo os códigos da hospitalidade: apenas depois de alimentá-lo e de garantir os meios para seu retorno torna-se cabível confrontá-lo.

E então Odisseu precisa ser especialmente astuto em sua resposta. Afinal, o código da hospitalidade não mais o protege totalmente: o momento já seria propício para a pergunta de um anfitrião sobre sua identidade. O herói, entretanto, não deseja ainda revelar-se, e, para isso, terá de oferecer muito mais do que a desculpa dirigida a Alcínoo anteriormente (“desejo comer”, Hom. *Od.* 7.215-221). Para se sair bem deste confronto direto, ele precisa de um discurso especialmente encantador. E assim o faz. Com um relato de 58 versos, o mestre da boa fala conta sobre sua estadia junto a Calipso em Ogígia, os apuros que viveu pelo mar ao deixar a ilha da deusa e a chegada à praia de Esquéria, onde foi recebido por Nausícaa (Hom. *Od.* 7.240-297).

A maneira pela qual o herói conta sua história é tão poderosa que, mesmo respondendo apenas parcialmente às perguntas da rainha, deixando de fora a questão de sua identidade, ele consegue causar um impacto favorável tanto na senhora quanto no rei. Eles parecem nem mesmo ter se importado com o fato de que a pergunta sobre sua identidade não foi respondida. Alcínoo, admirado pelo relato, repreende até mesmo o fato de a filha não ter conduzido o estranho ao palácio ela própria (7.299-301). Ora, esta reclamação do rei, além de retratar o impacto positivo do discurso de Odisseu sobre ele, confere ao herói uma oportunidade de impressionar ainda mais o casal real, porque lhe possibilita tecer um comentário conveniente:

ἥρως, μή μοι τοῦνεκ' ἀμύμονα νείκεε κούρην
ἢ μὲν γάρ μ' ἐκέλευε σὺν ἀμφιπόλοισιν ἔπεσθαι,

¹³ O fato de aguardar pela saída dos demais serve também para preservar a honra de Nausícaa. Questionar o estrangeiro poderia, possivelmente, resultar numa ferida para a reputação de sua filha, pois talvez tornasse público um provável encontro anterior dela com o estrangeiro, algo reprovável aos olhos da sociedade local.

ἀλλ' ἐγὼ οὐκ ἔθελον δείσας αἰσχυρόμενός τε,
μὴ πως καὶ σοὶ θυμὸς ἐπισκύσσαιτο ἰδόντι·
δύσζηλοι γάρ τ' εἰμὲν ἐπὶ χθονὶ φῦλ' ἀνθρώπων.

Não censures, ó herói, a tua filha irrepreensível.

De fato ela me disse para seguir com as servas:

fui eu que não quis, por receio e por vergonha,

não fosse teu coração encoleirizar-se à vista de tal coisa.

Pois nós, as raças de homens na terra, somos rápidos na ira. (Hom. Od. 7.303-307)

Que se lembre: a ideia de entrar separadamente no palácio não é do herói, mas da própria menina. Essa é, portanto, uma mentira descarada. Entretanto, uma muito bem colocada. Manipulando a verdade nesse momento, o herói logra um duplo sucesso: 1) protege Nausícaa da repreensão do pai, e, sobretudo, 2) apresenta-se como alguém recatado e honesto diante do casal real¹⁴. Essa é uma jogada de mestre, pois além de proteger aquela que lhe recebeu tão bem e salvou-lhe a vida, faz com que os senhores dos Feácios o vejam a uma luz ainda mais favorável: pois além de belo, forte e de fala impecável, o homem é, ainda, pio no tratamento com jovens donzelas. Assim, impressionando mais uma vez o casal real, o herói dá um largo passo em direção à confirmação de seu transporte para casa. E, melhor ainda, permanecendo anônimo.

A resposta de Alcínoo confirma o sucesso da fala de Odisseu: o rei não só salienta que está, definitivamente, disposto a oferecer-lhe o transporte desejado (Hom. Od. 7.317-27), como, ainda, sutilmente, à maneira típica de seu modo de expressão, oferece-lhe a filha em casamento:

αἶ γάρ, Ζεῦ τε πάτερ καὶ Ἀθηναίῃ καὶ Ἀπολλῶν,
τοῖός ἐών, οἷός ἐσσι, τὰ τε φρονέων ἅ τ' ἐγὼ περ,
παῖδά τ' ἐμὴν ἐχέμεν καὶ ἐμὸς γαμβρὸς καλέεσθαι,
αὐθι μένων· οἶκον δέ κ' ἐγὼ καὶ κτήματα δοίην,
εἴ κ' ἐθέλων γε μένοις· (...)

Quem me dera — ó Zeus pai, ó Atena, ó Apolo! —

que fosse assim como tu, e com entendimento como o meu,

aquele que, aqui ficando, desposasse a minha filha, a quem eu

chamasse meu genro! Dar-te-ia casa e muitos tesouros,

se de bom grado ficasses. (...) (Hom. Od. 7.312-325)

¹⁴ DE JONG (op.cit.) 189.

O rei, portanto, não encurrala o herói e oferece-lhe diretamente a filha: “casa-te com Nausícaa!”, mas, utilizando-se tacitamente de um optativo de desejo, expressando uma hipotética possibilidade, alude à vontade de tê-lo como genro. Mas o que há de mais significativo na passagem para este trabalho é o excerto “com entendimento como o meu” (literalmente, “pensando as coisas as quais eu penso”, “*tà te phronéon há t’ egó*”). O contato com o estranho até este ponto, embora breve, já basta para que o rei equipare a capacidade mental de Odisseu à sua própria: o rei de forte *nóos* considera serem ambos semelhantes em suas *phrénes*. A comparação é bem adequada, se levarmos em conta a interação entre os dois conforme a ilustrado até aqui: ambos herói e rei são, de fato, tácitos jogadores retóricos, atentos às nuances da comunicação e hábeis manipuladores de palavras. Os dois jamais se confrontam diretamente, mas utilizam-se muito bem do discurso subliminar e são capazes de manter uma astuta comunicação abaixo da superfície entre si, um atestado de suas notáveis capacidades intelectuais.

O impacto da segunda esquiva de Odisseu sobre Alcínoo, portanto, é flagrante: o rei lamenta o fato de a filha não tê-lo guiado em pessoa ao palácio, e, em seguida, oferece-lha em casamento, equiparando sua sabedoria à dele próprio. Pode-se argumentar que Alcínoo encanta-se não só pela forma e pelo conteúdo do discurso do estranho, mas também pela maneira como ele o utiliza para esquivar-se das indagações sobre sua identidade, logrando manter-se anônimo de maneira tão elegante. É provável que Alcínoo, perspicaz e atento interlocutor, não tenha deixado de notar o fato de que o estrangeiro, estrategicamente, não responde à pergunta de sua esposa sobre sua identidade. Mais isso não lhe causa indignação. Muito pelo contrário, ele fica ainda mais fascinado com a habilidade retórica de seu convidado.

Quanto ao impacto do discurso de Odisseu em Arete, ele não é retratado explicitamente — Homero parece desejar manter os holofotes da cena na interação entre o rei e o herói — mas o narrador deixa implícito que ele satisfaz a rainha:

*κέκλετο δ’ Ἀρήτη λευκώλενος ἀμφιπόλοισι
δέμνι’ ὑπ’ αἰθούσῃ θέμεναι καὶ ῥήγεα καλὰ
πορφύρε’ ἐμβαλέειν στορέσαι τ’ ἐφύπερθε τάπητας,
χλαίνας τ’ ἐνθέμεναι οὐλας καθύπερθεν ἔσασθαι.*

*E Arete de alvos braços ordenou às servas
que armassem uma cama debaixo do pórtico e que sobre ela
pussem cobertores purpúreos e estendessem mantas,
e que lá colocassem capas de lã em que ele se envolvesse (Hom. Od. 7.335-338)*

O gesto da rainha ao oferecer quarto e cama ao herói revela sua aprovação do mesmo¹⁵. Assim como o rei, ela é movida por seu discurso, e concorda em abrigá-lo no palácio. Dessa forma, temos o primeiro indício de que o herói cai nas graças da rainha, etapa fundamental para que seu retorno se cumpra¹⁶. Ou seja, Odisseu, através de sua segunda esquiva, conquista uma vitória capital no País dos Feácios: através da boa fala, ele não só consegue permanecer anônimo, como ainda conquista a boa vontade daquele povo que lhe garantirá voltar a casa.

II.3. Fechando o panorama do “antes”

O que se desejou expor até aqui é que Alcínoo, personagem marcado na *Odisseia* pela atenção às nuances do discurso, recebe uma série de sinais por parte do estrangeiro que lhe permite formar a seguinte imagem sobre o mesmo: ele é um misterioso homem dotado de qualidades físicas impressionantes — avantajado porte físico, altamente competente nos feitos do corpo — e, ao mesmo tempo, extremamente hábil em seus discursos, demonstrando cuidado e delicadeza na colocação das palavras.

É provável, portanto, que Alcínoo, o rei de poderoso *nóos*, tenha muito claro em sua mente esse panorama. Ele próprio é um exímio manipulador das palavras, capaz de comunicar-se indiretamente através de recursos retóricos, o que lhe garante conhecimento de causa no julgamento das manobras de seu interlocutor. Temos na conversa entre Alcínoo e Odisseu um confronto de iguais, muito bem representado na fala do rei de que ambos são *phronéonte* na mesma medida. Por isso mesmo, o rei conhece o tamanho do desafio que será fazê-lo revelar sua identidade. Para lográ-lo, ele precisará ser certo. Tal como Menelau precisa esperar pelo momento propício para

¹⁵ DE JONG (op. cit.) 178.

¹⁶ Nausícaa (Hom. *Od.* 6.310-315) e Atena (Hom. *Od.* 7.53-77) informam a Odisseu que ele deve conquistar o favor da rainha para retornar. A confirmação explícita de que Arete aprovou definitivamente o estrangeiro ocorre em 11.336-341, quando ela o chama de “meu convidado” e confere-lhe mais presentes; DE JONG (op. cit.) 178.

capturar Proteu, e resistir a diversos artifícios de que o deus marinho se utiliza para esquivar-se, Alcínoo, para descobrir o nome do estranho, precisa observar, e, pacientemente, esperar pelo momento oportuno para encurralá-lo de maneira definitiva.

III. O “agora”: verdade

O momento oportuno chega quando Alcínoo flagra pela segunda vez o estrangeiro altamente emocionado ao ouvir uma canção sobre a guerra de Troia. Neste ponto, o rei sabe que ele se destaca nos feitos físicos, conforme demonstrou no arremesso de disco, e que, além disso, foi um premente guerreiro na guerra de Troia, como o próprio revelou quando enfurecido com Euríalo: *Só Filocteto me superava com o seu arco na terra / dos Troianos, quando nós Aqueus disparávamos as setas* (Hom. *Od.* 8.219-20)¹⁷. É possível argumentar, portanto, que, unindo à participação em Troia o fato de que seu hóspede é altamente perspicaz e um mestre do discurso, o rei possa ter conectado os pontos e suspeitar de que ele seja o próprio Odisseu. O fato é que, suspeitando ou não de que o estrangeiro seja o herói de Ítaca, neste momento, Alcínoo parte para a confrontação derradeira, o pedido definitivo para que o suplicante revele sua identidade e sua história, deixando claro que dessa vez ele não deve mais se esquivar da pergunta.

O rei começa seu pedido de maneira estratégica. Depois de revelar aos presentes que percebeu o estrangeiro chorando em resposta às canções de Demódoco e pedir que o aedo cesse a música (Hom. *Od.* 8.536-543), salienta a maneira hospitaleira pela qual recebeu-o:

*εἵνεκα γὰρ ξείνοιο τὰδ' αἰδοίοιο τέτυκται,
πομπή καὶ φίλα δῶρα, τὰ οἱ δίδομεν φιλέοντες.
ἀντὶ κασιγνήτου ξεινός θ' ἰκέτης τε τέτυκται
ἀνέρι, ὅς τ' ὀλίγον περ ἐπιψαύη πραπίδεςσι.*

*Foi em honra do estrangeiro que preparamos tudo isto:
o transporte e os presentes que lhe damos com amizade.
Um estrangeiro e suplicante é feito um irmão
para o homem que atinja o mínimo de bom senso.* (Hom. *Od.* 8.544-547)

¹⁷ οἷος δὴ με Φιλοκτήτης ἀπεκαίνυτο τόξω / δήμῳ ἐνὶ Τρώων, ὅτε τοξαζοίμεθ' Ἀχαιοί·

A menção à relação de hospitalidade é capciosa, pois cumpre uma função retórica sutil dentro fala do rei. Logo em seguida, ele partirá para questionar diretamente o estranho sobre sua identidade. Diferente da primeira vez em que tentou extrair essa informação, agora os códigos da hospitalidade estão a seu lado, e ele faz questão de mencioná-los para deixá-lo claro. Ao lembrar tudo que fez pelo estrangeiro desde sua chegada, Alcínoo explicita ter cumprido todas as etapas que cabem a um bom anfitrião. Não é mais necessário subterfúgios para indagar o estrangeiro — o momento já é propício para uma pergunta direta, e, assim, o rei encurrala sutilmente o herói: “veja, eu já fiz tudo que devia fazer como anfitrião. Agora é sua vez de se portar como um bom hóspede e responder o que lhe pergunto em seguida”:

*τῶ νῦν μηδὲ σὺ κεῦθε νοήμασι κερδαλέοισιν,
 ὅττι κέ σ' εἴρωμαι φάσθαι δέ σε κάλλιον ἔστιν.
 εἴπ' ὄνομ', ὅττι σε κείθι κάλεον μήτηρ τε πατήρ τε,
 ἄλλοι θ' οἱ κατὰ ἄστυ καὶ οἱ περιναιετάουσιν.*

Assim, agora (nûn) não escondas tu (medè sù keûthe) por meio de ideias astuciosas (noémasi kerdaléoisin) aquilo que te quero perguntar. Ficar-te-ia melhor falares. Diz-me o nome pelo qual te tratam tua mãe e teu pai, assim como todos os que habitam perto da tua cidade. (Hom. Od. 8.548-551)¹⁸

Conforme salientado na introdução, o advérbio *nûn*, “agora”, cumpre uma dupla função nesse discurso. Primeiro, faz a ligação entre a explicitação de sua conduta exemplar como anfitrião e a cobrança subliminar para que o hóspede se comporte da mesma maneira. Ao mesmo tempo, através do advérbio, o rei revela haver captado as intenções de Odisseu de manter sua identidade nas sombras até aquele momento. Ao pedir-lhe que não mais esconda seu nome por meio de ideias astuciosas, Alcínoo deixa claro que *notou* os recursos elusivos por ele utilizados anteriormente. Mas *agora*, o rei afirma, é hora de não mais fazê-lo.

Ao dizer *medé keûthe*, “não escondas”, Alcínoo deixa claro que está atento à habilidade do herói de interferir na integridade de seus relatos, interpondo um véu entre o que é pedido e o que ele de fato responde. Até

¹⁸ trad. LOURENÇO (2011), adaptada em 548, grifos meus.

aquele ponto, o rei deseja salientar, ele sabe que o estranho ocultou, voluntariamente, parte da verdade do que lhe era perguntado e impediu-a de vir à tona plenamente. Segundo LEVET (1976) 115, “o ato de esconder é, portanto, o contrário àquele de afirmar, de exprimir, de comunicar, já que ele é o produto de uma decisão — voluntária — de não mostrar”. Até ali, quando questionado sobre quem era e de onde viera, conforme demonstrado nas seções anteriores deste trabalho, Odisseu respondia com discursos que, apesar de belos em forma, não apresentavam a realidade de maneira total em seu conteúdo. A simples formosura (*morphê*) de suas falas e o fato de que eram adequadas (*katà móiran*) serviram para manter tanto o herói em alta estima por parte dos Feácios quanto sua identidade em segredo. Mesmo respondendo apenas parcialmente às perguntas que se lhe impunham, a mágica de suas palavras fazia com que seus interlocutores nem mesmo se importassem com o fato de que seus questionamentos não haviam sido respondidos por inteiro. Mas, Alcínoo deixa claro, não é mais esse o caso neste momento. Pois a partir de agora, *nûn*, ele estará muito atento à resposta que espera receber.

O pedido de não esconder, “*medè keúthein*” é um pedido de desvelamento, um pedido pela *alétheia* em seu sentido mais puro: Alcínoo quer descobrir, descortinar, a identidade que o herói tanto luta para manter encoberta. Segundo CHANTRAINE (1999) 618, *alétheia* deriva do adjetivo *alethés*, que, por sua vez, vem do verbo *lánthano/létho* “escapar ao notar de”, que, acrescido do alfa privativo significa “aquilo que não escapa à percepção”¹⁹. Na corte dos Feácios, até aquele momento, Odisseu faz de tudo para encobrir a verdade sobre sua identidade, mantendo-a fora do alcance de

¹⁹ PRATT (1993) 19 argumenta contra uma acepção comum de que *alétheia* derive de *léthe*, “esquecimento” e signifique, em primeira instância, portanto, o “não esquecimento”. A autora faz um apanhado das ocorrências em Homero de *alétheia* e palavras anexas, como o adjetivo *alethés*, e demonstra como, em todos os casos, o sentido primário é, de fato, do campo semântico da verdade, e não do esquecimento. Se há uma ligação com memória e esquecimento, ela é apenas secundária: “A etimologia de *alétheia* causa confusão se nos concentrarmos demais num sentido simples do substantivo *léthe*, ‘esquecimento’. Se olharmos o verbo *létho* (=lantháno), usado muito mais frequentemente em Homero do que o substantivo relacionado *léthe* (usado apenas uma vez em Homero), fica claro que a *léthe* excluída da *alétheia* não pode ser associada exclusivamente, e nem primariamente, com o campo semântico da memória e esquecimento.”

seus anfitriões. Cobrindo-a com um véu, faz com que ela escape o tempo todo à percepção de seus interlocutores e esconde, portanto, a *alétheia*.

Segundo PRATT (1993) 20, o processo de revelação da *alétheia* ocorre quando o “falante não esconde nada da atenção da plateia ao comunicar-se, nem deliberadamente — de maneira tática ou pelo desejo de enganar — nem por negligência, ignorância ou esquecimento. O falante da *alétheia* não esconde, mas revela.” A ocultação da realidade, a autora salienta nesse trecho, pode ser resultado de um ato voluntário (“de maneira tática ou pelo desejo de enganar”) ou involuntário (“por negligência, ignorância ou esquecimento”). No caso de Odisseu, o que se dá o tempo todo é um esforço voluntário para manter-se oculto. E esse esforço não passa despercebido por Alcínoo, conforme aqui se defendeu. O fato de ele próprio ser um exímio jogador do jogo do discurso confere-lhe conhecimento de causa para perceber e avaliar as estratégias de Odisseu.

Existem duas formas de se evitar a *alétheia*: 1) a omissão, o silêncio, a esquiva; ou 2) sua substituição por uma mentira, um *pseûdos*, um construto deformado da verdade. Odisseu utiliza-se dos dois recursos até ali: primeiro, pela omissão, esconde sua identidade quando questionado e, segundo, pela deformação, altera a realidade do motivo pelo qual Nausícaa não o conduziu até o palácio quando confrontado por Alcínoo. O pedido do rei, no verso 548, chama atenção para o primeiro ponto: “*medè keúthein*” enfatiza o pedido pela não-omissão, pela não-esquiva. Ao pedir que Odisseu não mais esconda sua identidade, o rei salienta haver notado seus esforços anteriores para fazê-lo, e deixa bem claro que esse não deve ser o caso novamente. Assim, com o “*medè keúthein*” ele cumpre um pedido parcial pela *alétheia*: o pedido pela não ocultação. Resta ainda o pedido pelo não-*pseûdos*, a não-mentira, a não-deformação da realidade. Esse vem mais adiante, num verso aqui não estudado, mas objeto de um futuro trabalho: *mas diz-me tudo sem distorcer (atrekéos)* (Hom. *Od.* 8.572)²⁰. Ao pedir também que o herói conte sua história sem distorcê-la, o rei chama a atenção para a possibilidade do esforço ativo por parte de Odisseu em deformá-la.

²⁰ ἀλλ’ ἄγε μοι τόδε εἰπὲ καὶ ἀτρεκέως κατάλεξον, (trad. própria)

Desse modo, o pedido do rei abarca, em sua totalidade, ambas as metades da *alétheia*: o pedido pela não omissão, “não escondas” (*medè keûthe*), enfatizado em 548, e o pedido pela não-deformação “diga tudo sem torcer” (*atrekéos katálekson*), em 572. A divisão explícita desse pedido em duas partes serve para enfatizar o desejo pelas duas metades da verdade. Dividindo seu pedido, o rei comunica indiretamente ao herói: estou atento a todos os teus artifícios, e, dessa vez, não escaparás através de nenhum deles.” Se dissesse simplesmente “dê-me *alétheia*”, ou seja, “diga teu nome e o que passaste”, Alcínoo estaria exposto novamente a possíveis esquivas do herói. Como antes, ele poderia revelar a realidade apenas parcialmente. Mas ao dizer “agora não escondas” e, mais adiante “não distorças”, o rei especifica que deseja um desvelamento total, a *alétheia* por inteiro, e deixa claro que estará bem atento a qualquer recurso utilizado para ludibriá-lo naquele momento — seja a omissão, seja a deformação. Assim, o senhor dos Feácios estabelece que não deseja mais meias-verdades: nem esquivas e nem distorções, mas sua identidade e sua história integralmente.

O pedido surte efeito quanto à questão da identidade: de fato, o herói revela seu nome verdadeiro logo em seguida. Mas se o mesmo princípio se aplica à verdade dos relatos sobre suas aventuras pelo mar que ele conta em seguida, os *apólogos*, isso seria assunto para outro trabalho.

IV. Considerações finais

O verso 8.548 cumpre uma função capital no pedido de Alcínoo que desencadeia os *apólogos*: graças a ele, Alcínoo, o mestre do *nóos*, consegue finalmente extrair de Odisseu a verdade sobre sua identidade. Sendo o próprio senhor dos Feácios um grande jogador do jogo retórico do discurso, ele conhece muito bem as estratégias ardilosas de seu hóspede e, para evitar que ele novamente as utilize, precisa confrontá-lo no momento certo, explicitar a detecção delas e esclarecer que não mais as deseja a partir daquele momento. Assim ele o faz, e logra o sucesso.

Embora se tenha enfatizado neste trabalho o papel que a confrontação de Alcínoo cumpre para a revelação da identidade de Odisseu, estou ciente de que ela não é o único elemento que leva o herói a fazê-lo. Ele próprio tem seus motivos para querer revelar-se naquele momento: assumir sua identidade é de importância simbólica fundamental para seu percurso heroico do

retorno. Após passar anos escondido por Calipso, tornando-se, de fato, ninguém, como se estivesse morto, o processo do ressurgimento do herói se inicia com a retomada de seu nome diante dos Feácios. E, nesse sentido, o “*medè keûthe*” de Alcínoo assume uma nuance simbólica interessante no renascimento do herói. Odisseu não precisa mais esconder-se, não está mais retido por Calipso, aquela que o *kalúpsei*, “esconde”. Agora, sentindo-se seguro num ambiente amigável, e ouvindo da boca de um cantor as glórias que conquistou em Troia, o herói sente-se capaz de revelar-se e jogar-se de volta ao mundo para reconquistar seu trono em Ítaca. E assim, o “*medè keûthe*” serviria como o empurrão definitivo no processo de ocultação do herói, permitindo-lhe voltar à luz. Mas esse seria um enfoque outro à passagem, e assunto para um outro trabalho.

Referências bibliográficas

- CHANTRAINE, P. (1999), *Dictionnaire Étymologique de la Langue Grecque*. Paris, Klincksieck.
- DE JONG, I. (2001) *A narratological commentary on the Odyssey*. Cambridge, Cambridge University Press.
- HAINSWORTH, J. (1990) Books V-VIII: HEUBECK, A. *et alii*, *A Commentary on Homer's Odyssey* (vol. I). Oxford, Clarendon Press, 249-385.
- HEINZ, G. (1979) Ἀλκίνοος: SNELL, B. (org.). *Lexikon des frühgriechischen Epos*. Band 1. Göttingen, Vandenhoeck & Ruprecht, 502-503.
- HOMERO (2014), *Odisseia*. Trad. Christian WERNER. São Paulo, Cosac Naify.
- HOMERO (2011), *Odisseia*. Trad. Frederico LOURENÇO. São Paulo, Penguin Classics Companhia das Letras.
- HOMERO (1919), *The Odyssey with an English Translation*. Trad. A. T. MURRAY. Londres, Harvard University Press.
- LEVET, J-P. (1976), *Le vrai et le faux dans la pensée grecque archaïque*. Paris, Les Belles Lettres.
- PRATT, L. (1993), *Lying and poetry from Homer to Pindar: falsehood and deception in archaic Greek poetics*. Michigan, University of Michigan Press.
- RICHARDSON, S. (2007), “Conversation in the Odyssey”: *College Literature*, 34.2, 132-149.
- VON KAMPTZ, H. (1982) *Homerische Personennamen*. Göttingen, Vandenhoeck & Ruprecht.

Resumo: Ao final do canto 8 da *Odisseia*, Alcínoo decide questionar de maneira definitiva o estrangeiro misterioso que recebe em sua corte a respeito de sua identidade. Mas não é tarefa fácil fazê-lo revelar-se: durante toda sua estadia no País dos Feácios, o estranho esforçou-se habilmente para permanecer anônimo. Neste trabalho, analiso quão estratégico é o pedido de revelação por parte do rei feácio em *Od.* 8.548 a fim de impedir que o estrangeiro mais uma vez se esquive da pergunta.

Palavras-chave: Odisseu; Alcínoo; Feácios; *Odisseia*; Homero.

Resumen: Al final del canto 8 de la *Odisea*, Alcínoo cuestiona de manera definitiva la identidad del extranjero misterioso que recibe en su corte. Pero no es tarea fácil hacer que la revele: durante toda su estancia en el País de los Feácios, el extraño se esforzó hábilmente en permanecer en el anonimato. En este trabajo, analizo cuán estratégica es la petición de revelación por parte del rey feacio en *Od.* 8.548 con el fin de impedir que el extranjero evite la pregunta una vez más.

Palabras clave: Odiseo; Alcínoo; Feacios; *Odisea*; Homero.

Résumé : À la fin du chant 8 de l'*Odyssée*, Alcinoos décide d'interroger définitivement le mystérieux étranger qu'il reçoit dans sa cour à propos de son identité. Cependant, il n'est pas facile de le pousser à se dévoiler : tout au long de son séjour au pays des Phéaciens, l'étranger est habilement parvenu à rester anonyme. Dans cet article, j'analyse la manière dont le roi Phéacien fait preuve de stratégie pour obtenir la révélation dans *Od.* 8.548, au point que l'étranger ne puisse plus éviter la question.

Mots-clés : Ulysse ; Alcinoos ; Phéaciens ; *Odyssée* ; Homère.

